



Idéias Negras em movimento: Da Frente Negra ao Congresso Nacional do Negro

Arilson dos Santos Gomes*
Orientadora Prof. Dra. Margaret Marchiori Bakos

Este artigo visa mapear e apresentar às idéias negras de inserção político-social que eram pensadas entre 1931, ano de fundação da **Frente Negra Brasileira**, até o final da década de 1958, ano de realização do **Primeiro Congresso Nacional do Negro** realizado em Porto Alegre. Desde as suas organizações, passando pelos participantes, objetivos e resultados, encontramos informações importantes de como os negros brasileiros e gaúchos entendiam a sua realidade social em um contexto local, nacional e internacional.

Pretendo, através da análise de conteúdo dos jornais, atas de reuniões da **Sociedade Floresta Aurora** e bibliografia pertinente, aproximar-me de meus objetivos que são: mapear as principais atividades em torno das idéias negras de inserção político-sociais realizadas neste período, localizar quais eram os objetivos destas ações, como foram viáveis as suas realizações, quem eram os seus participantes, quais os objetivos destes encontros e os seus resultados e como elas se ‘movimentaram’ entre às regiões brasileiras.

Antes de desenvolver este artigo, pretendo ‘resgatar’ a importante participação da *etnia negra*¹ como agente de sua história. Ou seja, a partir das rebeliões escravas, da

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História PUCRS/ Bolsista CAPES

¹ Utilizo o termo *etnia negra* para designar o grupo social e cultural a que pertenciam as pessoas defendidas por estas idéias e suas organizações. Em geral este termo não comporta características biológicas como termo *raça*, pois parte quase sempre da base social e cultural de seus membros. Mais informações ver no **Dicionário de Ciências Sociais** editado pela Fundação Getúlio Vargas páginas 435-36.

Embora o conceito de *raça* ainda seja muito utilizado politicamente por grupos reivindicativos negros atualmente. Neste caso, o termo não é apresentado em sua forma biológica, mas sim política. Conforme nos explica Nilma Lino Gomes no livro: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº10.639/03**: “*O Movimento Negro e alguns sociólogos, quando usam o termo raça, não o fazem alicerçados na idéia de*

resistência contra a escravidão, o negro passa a ser agente de sua ação. Podemos relacionar estas atitudes do negro no Brasil como uma constante mobilização cotidiana contra as mazelas da escravidão. A constante da vida do escravo foi o protesto, foi à rebeldia. (LUNA, 1976).

Desde os quilombos, ataque a engenhos, irmandades, candomblés, passando pelas sociedades abolicionistas e o surgimento da imprensa negra. Confirmamos o senso de organização desta etnia. Segundo Clóvis Moura:

O negro brasileiro foi sempre um organizador. Durante o período no qual perdurou o regime escravista, e, posteriormente, quando se iniciou – após a Abolição – o seu processo de marginalização, ele se manteve organizado, com organizações frágeis e, desarticuladas, mas sempre constantes. (MOURA 1980 p.143).

Para Agnes Heller, a consciência da generalidade refletida na particularidade é a consciência histórica. Ora, neste sentido a partir do momento que ocorre a compreensão e a reflexão de que não existe uma verdade única, ou uma situação estanque podendo existir o relacionamento de interpretações e de realidades a resistência escrava pode ser comparada, pelo negro escravizado, a uma luta para adquirir liberdade ou uma condição cotidiana melhor daquela vivida como cativo, já que ela não era simplesmente ‘peça’ mas parte da humanidade. Pois, para essas resistências ocorrerem, à condição ‘primordial’ foi o negro perceber que ao ser explorado outros se beneficiavam, surgem questionamentos. Dependia dele a transformação de sua posição.

Portanto, desde que o primeiro africano se jogou do navio negreiro vindo para o Brasil, passando pelas tantas outras formas de resistências, percebemos a luta em busca desta historicidade, de agir e pensar humano, da consciência histórica.

Quando escrevo sobre idéias negras, como sendo os pensamentos de inserção político-social buscados pela *etnia negra*, acredito que estas idéias independem de etnias, grupos, partidos políticos e ideologias, não pretendo escrever uma história destinada apenas a um grupo de pesquisadores e historiadores, mas pretendo contribuir para a ‘boa história’, como diz Hobsbawm (2004) em seu artigo intitulado: *Não basta a História de identidade*. Fazendo a ‘boa história’ contribuimos para a humanidade.

raças superiores e inferiores, como originalmente era usada no século XIX. Pelo contrário, usam-no com uma nova interpretação, que se baseia na dimensão social e política do referido termo”.

As idéias negras de inserção, neste sentido, foram e são pensadas por negros e brancos das mais variadas etnias, mas entendemos que o negro mereça o protagonismo, pensado por nós neste trabalho, por dois motivos. O primeiro é que ele foi preterido durante um longo tempo pela história tradicional de Ranke², baseada nos fatos militares, diplomáticos e políticos e que perdurou até o início do século XX influenciando o ocidente e destacando esta região em detrimento de outras das quais cito: o Oriente e a própria África e de seus descendentes. E o segundo fator é que o negro através das suas reivindicações inicia um redescobrir de sua história e conseqüentemente passa a contribuir de maneira ativa para a História não mais como mero ‘objeto’ de estudos científicos e/ou como mero espectador, mas como ser humano com os seus defeitos e as suas qualidades com as suas falhas e as suas virtudes.

Após, reivindicações e formas de lutas já citadas, situaremos aonde surgem às idéias negras de inserção político-sociais, produto de um local propício para tais estudos e reflexões, *um lugar social*, conforme explica Michel de Certeau³. Estes locais são as organizações negras que articulam o conhecimento histórico do negro sejam em forma de associações/organizações ou através de Convenções, Encontros e Congressos. Estes locais serviam como ‘espaços aglutinadores’ e de produção de pesquisas entre intelectuais e letrados que pensavam e defendiam; uma nova forma de entender o negro na sociedade brasileira. Neste sentido as propostas, estudos e pesquisas em busca de reconhecer este ‘novo negro’, e a sua contribuição para o país, não esquecendo a luta por direitos e contra o preconceito, eram os fundamentos destes ‘movimentos negros’.

As associações/organizações negras, segundo L.C Pinto, dividem-se de duas formas. *As tradicionais*, e as de *novo tipo*. Conforme o autor:

Esta distinção não é exclusivamente cronológica (...) é que as associações que chamamos de tradicionais resultam, e cabem perfeitamente dentro dele, do padrão tradicional das relações entre negros e brancos no Brasil, enquanto que as que aqui chamadas de novo tipo, não só resultam das alterações que vem sofrendo aquele

² Para saber mais sobre o método da História elaborada por Leopoldo Rank ler de André Burguière o **Dicionário das Ciências Históricas** e para saber sobre a História Metódica sob forma de galeria de Heróis ler **As Escolas Históricas** de Guy Borde e Herve Martin.p 97-117.

³ Certeau explica que é em função deste lugar social é que se instauram o método, que se delinea uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam. Para saber mais ver, Certeau em **A Escrita da História**.

quadro tradicional das relações de raças, mas também tendem, e pretendem, a imprimir a elas uma nova direção.(PINTO, 1953 p.238).

Neste sentido, L.C Pinto explica que as associações tradicionais, surgidas no século XIX, são próximas as iniciativas brancas, de imitação dos valores dos grupos dirigentes da sociedade o que acabava beneficiando a tolerância social para com os negros em uma sociedade tensa. As associações tradicionais são: A Irmandade da Nossa Senhora do Rosário e de S. Benedito dos Homens Pretos, o Candomblé, a Macumba que liga as pessoas como centros de curandeirismo e centro recreativo, o samba, as sociedades bailantes, esportivas e as escolas carnavalescas.

Essas formas tradicionais de vida associativa correspondem, como dissemos, a um padrão também tradicional das relações entre negros e brancos no Brasil, são formas expressivas – recreativas ou religiosas – através das quais se assinala, entre muitas outras formas, a contribuição do africano à estética, à música, à coreografia, à mítica, em suma, à cultura de *folk* brasileira.(PINTO, 1953 p.256).

L.C Pinto fez a sua pesquisa no Rio de Janeiro, mas diante de suas informações percebemos a existência das associações tradicionais em Porto Alegre. Liane Muller (1999) pesquisou as associações negras da cidade entre 1889-1920 e, guardada as devidas proporções, elas se aproximam muito do padrão tradicional pesquisado por L.C Pinto.

A partir do início do século XX, no Pós-Abolição e com o advento da República, começam a surgir um novo tipo de atitude entre a *etnia negra* e com elas as associações de um ‘novo tipo’. Dirigidas por negros que se destacam da grande maioria das populações negras, à qual L.C Pinto os denomina como sendo uma ‘elite negra’, estas associações surgem com novas propostas de inserção. Para L.C Pinto:

(...) se toda elite, por definição, é uma camada pequena que se destaca de um corpus social maior – aqui, a elite negra tem esse atributo hipertrofiado e é, numericamente, uma fração ainda insignificante embora crescente do grupo a que pertence (...) (PINTO, 1953. p.259)

Esta ‘elite negra’ é composta por negros instruídos e inseridos no ‘mundo do trabalho assalariado’, inclusive com profissões liberais. Nos quadros dirigentes da **Frente Negra Brasileira**, Aristide Barbosa, era formado em sociologia, Francisco Lucrécio, cirurgião dentista, José Correia Leite, jornalista, Marcelo Orlando Ribeiro, formou-se em jornalismo, Placidino Damaceno Motta, era marceneiro⁴.

Estes dirigentes exercem a função de intelectuais da *etnia negra* nesta nova fase, pois, pertencem ao grupo social que defendem, conforme Gramsci:

Cada grupo social que nasce no terreno original de uma função essencial no mundo da produção econômica cria, ao mesmo tempo que a si mesmo, organicamente, uma nova ou várias camadas de intelectuais que lhe conferem homogeneidade e a consciência de sua própria função, não somente no plano econômico, mas também no plano político social. (Por PORTELLI, 1983. p.86).

As associações negras de ‘novo tipo’ começaram a nascer no Brasil, depois das transformações sociais advindas com as agitações dos anos de 1930, que marcaram ‘profundamente’ a vida política do Brasil – e do mundo – numa fase agitada pelas crises e tensões que assinalaram o período. (LC PINTO, 1953).

Anterior a estes dois tipos de associações, localizamos um, breve mais, importante período, de transição entre as *associações tradicionais* e as *associações de um novo tipo*, este período é o de surgimento da ‘imprensa negra’. As informações que passam a ser divulgada nestes jornais, do início do século XX, não são de procura de escravos ou de compra e venda dos mesmos, acontecimento corriqueiro nos jornais do período da escravidão, pelo contrário, são informações de combate a preconceitos, estereótipos, a favor da educação e auto-estima do negro.

O Rio Grande do Sul, com o jornal **O Exemplo**, fundado em Porto Alegre no dia 11 de dezembro de 1892, foi o estado inaugurador da ‘imprensa negra brasileira’. No editorial de lançamento do jornal seus fundadores criticam, de maneira ‘contudente’ quem “*julga o homem pela cor da pele*”.⁵

⁴ Para saber mais dos líderes da FNB ver Marcio Barbosa em: **Frente Negra Brasileira, depoimentos**.

⁵ Liane Müller pesquisou no último capítulo de sua Dissertação de Mestrado o jornal “O Exemplo”. Através de suas pesquisas, a historiadora, identificou tres fases deste jornal. A primeira fase entre 1892 e 1910, em que o qualifica como jornal de gênero literário, a segunda fase, de 1911 a 1916, que pode ser entendido como momento

Também no Rio Grande do Sul, na cidade de Pelotas, surge o jornal **A Alvorada** com circulação de 05 de maio de 1907 a 13 de março de 1965. Segundo Santos (2000) “*A Alvorada, provavelmente, seja o periódico de maior longevidade desta fase denominada de imprensa negra*”. Foi neste Jornal que José Antonio dos Santos localizou dados que apontam o surgimento da **Frente Negra Pelotense**.

O primeiro jornal negro, de São Paulo foi o **Menelik**, fundado em 1915, depois surgiram os seguintes jornais: **A Princesa do Norte**, o **Tio Urutu**, **A Rua**, **O Xauter** e **A União**, em 1918, **O Alfinete** e o **Bandeirante**, e **A Protetora**, em 1919; **A Liberdade**, de 1920; **A Sentinela**, em 1922, **O Kosmos**, em 1923, **O Getulino**, em 1924, **O Elite**, em 1928, **O Auriverde**, **O Patrocínio** e **O Progresso**, em 1932. O mais representativo jornal no ‘meio negro’ foi “**O Clarim da Alvorada**”, fundado por José Correia Leite e Jayme Aguiar. Em 1932, surge o jornal da **Frente Negra Brasileira a Voz da Raça**.⁶

Notamos que, foi no Rio Grande do Sul o nascimento da denominada ‘imprensa negra brasileira’. O jornal **O Exemplo** de Porto Alegre é o mais antigo do Brasil, fundado em 1892, e o jornal **A Alvorada de Pelotas**, o que mais tempo circulou, sendo o primeiro número lançado em 1907 e o último em 1965. São Paulo supera o Rio Grande do Sul na quantidade de jornais negros, mais na qualidade, verificamos que no ‘quisito’ origem e longevidade os jornais negros gaúchos destacam-se, o que nos mostra um problema a ser investigado, já que, por um longo período histórico, São Paulo foi considerado o estado pioneiro no que diz respeito a ‘imprensa negra’.

Retornando a alteração de atitude das idéias negras, das *associações tradicionais* para as *associações de novo tipo*, a urbanização e a industrialização legitimam estas mudanças sendo que, os estados do Rio de Janeiro e de São Paulo tornam-se as grandes influências para as associações negras do restante do país. São Paulo era o centro industrial e o Rio de Janeiro, enquanto capital do país, era a referência política. As novas associações negras lideradas por seus intelectuais modificam a forma de atuação política, sendo criada uma nova ideologia de

de transição, já que combatia de fato o preconceito, e a terceira fase de 1917 a meados de 1920, que já revela um jornal de operário empobrecidos, sejam negros ou brancos. “**As contas do meu rosário são balas de artilharia**” – **Irmandade, jornal e sociedades negras em Porto Alegre 1889-1920**. Dissertação de Mestrado orientado pela prof. Margaret Marchiori Bakos. Porto Alegre, 1999.p.170-192.

⁶ Para saber mais sobre a imprensa negra ver Yosvaldir Carvalho Bittencourt em: **As Escolas de Comunicação Social como instrumento de desconstrução do racismo e discriminação racial**. Roger Bastide em: **A Imprensa Negra no Estado de São Paulo**, Miram Nicolau Ferrara, em **A Imprensa Negra em São Paulo**, Lilian Susan Müller, em “**As contas do meu rosário são balas de artilharia**” – **Irmandade, jornal e sociedades negras em Porto Alegre 1889-1920**, José Antonio dos Santos, **Raiou “A Alvorada”: Intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957)**, Florestan Fernandes em: **A Integração do Negro na Sociedade de Classes** e Antonio Sérgio Alfredo Guimarães em **Notas sobre raça, cultura e identidade na imprensa negra em São Paulo e no Rio de Janeiro, 1925 e 1950**.

afirmação social. A identificação da negritude. Se antes as associações tendiam a imitar os brancos e as suas manifestações, agora, estas novas associações querem identificar-se como negras, reconhecidamente negras.

Enquanto as antigas elites, na medida em que ascendiam tinham a preocupação de branquear-se, confundindo-se em tudo com o extrato branco superiormente colocado – as novas elites negras pretendem ascender como elites negras, sem deixarem de ser negras, negras mais do que nunca, declarada e orgulhosamente negras, apologéticas da negritude (...) o intelectual habilita-se a exprimir esse problema e faz-se o porta voz natural das angústias e das aspirações de seu grupo étnico enquanto grupo social. (L.C Pinto, 1953 p.270).

Durante o período de 1931 até 1958 surgiram organizações negras, *associações de novo tipo*, de carácter nacional que articulavam idéias e realizavam ações que reuniam pessoas a favor da causa negra em uma nova postura, diferente das resistências citadas anteriormente. Surge em novo momento histórico, político, econômico e social. ‘Campo fértil’ para o desenvolvimento dos movimentos sociais negros. Segundo Maria Luiza de Souza:

“Movimentos Sociais são as formas de enfrentamento das contradições sociais que expressam em reações coletivas a algo que se apresenta como bloqueio ou afronta aos interesses e necessidades coletivas de determinado grupo social(...) Esse processo acontece à medida que a população supera as saídas individuais e recorre a alternativas coletivas”.(SOUZA, 1997 p.99-100).

Para Bastide (1959) as reivindicações só assumiram a forma de movimentos sociais no ‘meio negro’ porque neste ‘meio’ encontram-se as pessoas prejudicadas direta ou indiretamente pela atual situação surgida no pós-abolição. São como “*reações espontâneas contra o preconceito de cor e a degradação*”.

As idéias político-sociais eram para que o negro obtivesse reconhecimento social e participação econômica, política e cultural na formação de nosso país. Este recorte temático inicia-se a partir de 1931, ano de fundação da **Frente Negra Brasileira** e termina no ano de 1958, ano de realização do **Primeiro Congresso Nacional do Negro**. Diante deste período

farei um breve histórico das principais organizações negras, dos congressos, encontros e dos resultados destas iniciativas e de suas ‘movimentações’.

É importante salientar que, estas iniciativas não tinham caráter separatista, pelo contrário eram altamente ‘integracionistas’, pois, pleiteavam através da ordem legal estabelecida. A Constituição de 1891 dispunha apenas: “*Todos são iguais perante a lei*”, A Constituição de 1934 dizia: “*Todos são iguais perante a lei. Não haverá privilégios, nem distinções, por motivos de nascimento, sexo, raça, profissões próprias ou dos pais, classe social, riqueza, crenças religiosas ou idéias políticas*”(art.113, alínea I). Ou seja: a luta era política. Era fazer valer, de fato e na prática, a Constituição brasileira.

A **Frente Negra Brasileira** surgiu em São Paulo no ano de 1931. Fundada por Arlindo Veiga dos Santos, Intelectual Negro. Os núcleos da Frente Negra existiram no estado do Rio de Janeiro, em Minas Gerais, na Bahia, Rio Grande do Sul, Pernambuco e interior paulista. Tinha como objetivos: Irradiar por todo o Brasil, a partir de São Paulo, a união política e social da gente negra nacional, para afirmação dos direitos históricos da mesma, em virtude de sua atividade material e moral no passado e para reivindicação de seus direitos sociais e políticos na comunhão brasileira. Elevação moral, intelectual, artística, técnica, profissional e física; assistência, proteção e defesa social, jurídica, econômica e de trabalho da ‘gente negra’. Difundiam as suas idéias através de cabos distritais que viajavam pelo país arregimentando adeptos e fundando núcleos.⁷

Em 1934 ocorreu no Recife, o **Primeiro Congresso Afro-Brasileiro**, organizado e proposto por Gilberto Freire, intelectuais, acadêmicos, antropólogos e integrantes da **Frente Negra Pernambucana**. Neste Congresso foram debatidos sobre a história da importação e da escravidão africanas, os problemas de aculturação do negro e as variações antropométricas raciais, além de discussões sobre os livros Casa Grande e Senzala e Sobrados e Mocambos. De caráter regional, notamos que existe uma aglutinação de intelectuais brancos e negros em torno deste Congresso, que contou com a participação de Miguel Barros, Solano Trindade e Gerson Lima, fundadores da **Frente Negra Pernambucana**.⁸

⁷ Para saber mais sobre a FNB ver Jeferson Bacelar. **A hierarquia das Raças, Negros e Brancos em Salvador**, Márcio Barbosa, **Frente Negra Brasileira, depoimentos**. Roger Bastide, **Brasil, Terra de Contrastes e Brancos e Negros em São Paulo**. Florestan F. **Integração do Negro na Sociedade de Classes**. Flávio Gomes em **Negros e Política (1888-1937)**. Luis Luna, **O Negro na luta contra a escravidão**. Clóvis Moura. **História do Negro Brasileiro e Dialética Radical do Brasil Negro**. Kabengele Munanga, **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil – identidade nacional versus identidade negra**. José Antonio dos Santos em **Raiou “A Alvorada”:** **Intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957)**, Paul Singer, **São Paulo: o povo em movimento** e Laiana Lannes em **“A Frente Negra Brasileira: Política e Questão Racial nos anos 1930”**.

⁸ Ver Donald Pierson. **Brancos e Pretos na Bahia**, Luis Luna, **O Negro na luta contra a escravidão** e Thomas Skidmore em. **Preto no Branco**. .

Três anos depois, em na cidade de Salvador, na Bahia, realizam-se as atividades do **Segundo Congresso Afro-Brasileiro**. Este Congresso contou com a participação de intelectuais e acadêmicos. Organizado pelo Governo do Estado da Bahia, este Congresso teve grande repercussão nacional, contando com participantes de todo o Brasil. Entre os temas e pesquisas debatidas tivemos protestos dos intelectuais e participantes contra a interferência policial no candomblé. Entre outros temas foram apresentados trabalhos como: Castro Alves e a poesia negra na América, O Africano na Bahia, Contribuições bantú para o sincretismo fetichista no Brasil, O negro e o espírito guerreiro nas origens do Rio Grande do Sul, pesquisa apresentada por Dante Laitano, trabalhos realizados por afro-religiosos além de homenagens a Nina Rodrigues. Jorge Amado, participante, explicou que uma das preocupações do Congresso era manter a Capoeira em pleno 'vigor'. O livro de Donald Pierson, **Branços e Negros na Bahia**, escrito em 1945, foi produzido com pesquisas realizadas na vasta produção das teses apresentadas neste Congresso.⁹

Em 1937, por ocasião do Estado Novo, tivemos o encerramento das atividades das **Frentes Negras** 'espalhadas' pelo Brasil e o 'esfriamento' das atividades político-sociais, em torno das idéias negras, advindas com as organizações de encontros, congressos e associações, que diminuem, mas não acabam.

No ano de 1943, em plena 'ditadura do estado novo' surge a UHC, **União dos Homens de Cor**. Fundada em Porto Alegre, pelo farmacêutico João Cabral Alves, a **UAGACÊ** existiu nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Maranhão, Ceará, São Paulo, Espírito Santo, Piauí e Paraná. As suas reivindicações eram muito próximas das idéias de inserção Político-sociais propostas pela **Frente Negra Brasileira**, pois pretendiam conforme os seus estatutos: "elevar o nível econômico, e intelectual das pessoas de cor em todo o território nacional, para torná-las aptas a ingressarem na vida social e administrativa do país, em todos os setores de suas atividades", principalmente através da assistência social. A diferença, esta neste último item a assistência social¹⁰. A UHC encerra as suas atividades em meados da década de 1960.

O TEN, **Teatro Experimental do Negro** é fundado em 1944, na cidade do Rio de Janeiro, pelo intelectual negro Abdias do Nascimento, ex-integrante da **Frente Negra Brasileira**. O TEN apresenta novas idéias, novas propostas, pois busca, conforme

⁹ Para saber mais sobre o Segundo Congresso Afro-Brasileiro ler: Edison Carneiro **Ladinos e Crioulos**, Donald Pierson, **Branços e Pretos na Bahia**, Jorge Amado em **Bahia de Todos os Santos** e Tomas Skidmore, **Preto no Branco**.

¹⁰ Ver SILVA, A **União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50** L.C. Pinto, **O Negro no Rio de Janeiro**.

NASCIMENTO (2000) eram intenções da organização: “*contestar a discriminação, formar atores afro-brasileiros, reivindicava a diferença e não apenas integrar-se à sociedade, reconhecimento do valor civilizatório da herança africana e realizar cursos de alfabetização*”. Notamos que, surge à valorização e o resgate da África nesta organização, o teatro passa a servir como meio de resistência.

O TEN, sob o comando de Abdias do Nascimento, realizou em São Paulo e no Rio de Janeiro, a Primeira e a Segunda **Convenção Nacional do Negro**. A primeira, em São Paulo, contou com a presença de 500 pessoas, e a segunda, no Rio de Janeiro com a presença de 200 pessoas. As convenções foram acontecimentos políticos de cunho popular, sem pretensões acadêmicas. Foram tratados temas sobre necessidades negras e situações socioeconômicas. Surgiram reivindicações concretas: admissão de gente negra para a educação secundária e superior, formulação de uma lei antidiscriminatória e medidas jurídicas contra a discriminação.(GUIMARÃES, 2000).

No ano de 1949, na capital Fluminense, o **Teatro Experimental do Negro**, realiza a **Conferência Nacional do negro**. Este encontro propunha, segundo Abdias do Nascimento “*a revisão das teorias racistas das teorizações antropológico-sociológicas convencionais sobre o negro, representado pelos Congressos Afro-Brasileiros da década anterior. A Conferência serviria também como preparatória para o Primeiro Congresso do Negro Brasileiro*”.(GUIMARÃES, 2000).

Notamos uma nova postura nestas idéias, a partir das discussões propostas pelo TEN, o discurso torna-se mais agressivo, inclusive questionador quanto às idéias apresentadas em encontros anteriores.

O **Primeiro Congresso do Negro Brasileiro**, realizado em 1950 na capital federal, também organizado pelo TEN, teve como Temário: a necessidade da regulamentação e a organização das empregadas domésticas, campanhas de alfabetização e teses sobre manifestações de racismo. Contou com a participação de inúmeras organizações negras e teve uma postura acadêmica de pesquisar o negro não como objeto, mas sim os problemas de sua vida. O livro **O Negro no Rio de Janeiro**, foi realizado segundo L.C Pinto através de pesquisas apresentadas neste congresso, que o mesmo participou como ouvinte. Conforme ele nos explica:

Foi para nós de extraordinário valor científico e humano a participação, como observador, nos trabalhos do 1º Congresso do Negro Brasileiro, reunido no Rio de Janeiro em agosto-setembro de

1950. O conclave nada teve de comum com os anteriores congressos “afro-brasileiros” e representou, na verdade, o papel de uma grande “mesa redonda” em que uma elite negra expôs e discutiu seus problemas, alguns problemas do negro-massa e do povo brasileiro em geral. (...) Experiências como aquelas e fonte de documentação tão rica e tão direta, substituem, para o estudioso, coleções inteiras de documentação secundária...(L.C PINTO, 1953 p.39).

Em setembro, do ano de 1958, foi realizada na Câmara Municipal de Porto Alegre a abertura do **Primeiro Congresso Nacional do Negro**, organizado pela Sociedade Beneficente Floresta Aurora, sob comando de Walter Santos, funcionário da Faculdade de Engenharia da UFRGS, o congresso contou na sua organização com o auxílio da Prefeitura de Porto Alegre, do Governo do Estado do Rio Grande do Sul e a imprensa local, inclusive recebendo a visita de políticos como Leonel Brizola, Prefeito de Porto Alegre, em sua sede, conforme constam em atas de reuniões localizadas em arquivos da entidade¹¹ e através de entrevistas orais que realizei com pessoas presentes nas reuniões preparatórias para o encontro.

Os principais temas do ‘conclave’ foram três eixos. Primeiro, a necessidade de alfabetização do negro frente à atual situação do Brasil. Segundo, a situação “do homem de cor” na sociedade e terceiro o papel histórico do negro no Brasil e demais nações. O Encontro contou com a participação de delegações de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e delegações do interior do estado. A principal ‘novidade’ das idéias propostas pela Sociedade Floresta Aurora esta na preocupação com o papel histórico do negro no Brasil e demais nações, já que, a nível internacional, a década de 1950 ocorrem à descolonização de grande parte dos países do continente africano. Os resultados do encontro foram à organização de um amplo movimento de alfabetização.

A Sociedade Beneficente Floresta Aurora, teve diversas fases desde a sua fundação datada de 1872, conforme explica MÜLLER (1999). Seu início foi como sociedade dançante, depois irmandade, orquestra musical e a partir deste período, década de 1950, notamos uma nova fase. Uma fase político-social, com propostas de inserção aos moldes da **Frente Negra**, ou seja: notamos que a sociedade **Floresta Aurora** é uma associação que, devido aos seus longos anos de existência, contribuiu para a *etnia negra* como uma *associação tradicional*, e

¹¹ Para saber mais ver Arilson dos Santos Gomes no artigo intitulado: **Primeiro Congresso Nacional do Negro Brasileiro realizado em Porto Alegre no ano de 1958**. Porto Alegre. **VI Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos** - PUCRS.Out.2006 (no prelo)

nos anos 50 configurou-se como uma *associação de um novo tipo*, propondo através de sua nova característica idéias de inserção político-sociais.

Para concluir acredito que entre os anos de 1931, ano de surgimento da **Frente Negra Brasileira** até 1958, ano de realização do **Primeiro Congresso Nacional do Negro**, tivemos avanços significativos sobre as idéias negras de inserção político-sociais, envolvidas com o contexto da época. As organizações, as associações e os congressos, estes *lugares sociais*, difundiram por todo o país a importante contribuição da *etnia negra* para a história do Brasil. Em um *movimento de idéias negras* que ‘viajaram’ praticamente todos os estados brasileiros. Na maioria dos casos, o negro intelectualizado esteve envolvido diretamente nestas ações propondo, investigando, reivindicando e construindo a sua história, através de cobranças e alianças entre homens e instituições. Desde as *associações tradicionais* até as *associações de novo tipo*, notamos que a participação do negro, para transformar a sua situação advinda com a liberdade teórica e as heranças da escravidão, sempre foi uma constante. Entre os quilombos, passando pelas resistências das diversas maneiras, ‘rezando’ nas irmandades, nas religiões afro-brasileiras, no próprio abolicionismo, nos Congressos Afro-Brasileiros, Convenções e Frentes Negras, etc, o negro fez política, agiu, refletiu sobre a sua realidade, inclusive entrando em contato direto com poderes administrativos, sempre buscando adequá-la com o momento histórico, tanto que entre estas idéias é possível notar o resgate da história negra desde o seu cotidiano até as relações internacionais lá no distante continente africano.

As idéias negras de inserção político-sociais são a busca ‘ferrenha’ por parte do negro para fazer parte da humanidade, pois sempre ele o foi, mas devido à ‘acidentes de percurso’, momentaneamente, ele foi afastado. Agora, ele ressurgiu. E com ele, a chance de a humanidade redescobrir com a participação de todos, o verdadeiro sentido da política, conforme Hanna Arendt, “*a política trata da convivência entre diferentes das responsabilidades*”, portanto independente de etnia de cada pessoa, de ideologias, e de verdades absolutas, devemos fazer com que as histórias diferentes convivam, pois todos fazemos história, todos fazemos parte da humanidade.

Bibliografia consultada

- AMADO, J. **Bahia de Todos os Santos**. São Paulo, Martins, 1960.
ARENDR, H. **O que é política? Fragmentos das obras Póstumas Compilados por Ursula Ludz**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
BACELAR, J. **A hierarquia das Raças, Negros e Brancos em Salvador**. Rio de Janeiro: ED Pallas, 2001.
BARBOSA, M. **Frente Negra Brasileira, depoimentos**. São Paulo: Quilomboje 1998.
BASTIDE, R. **Brasil, Terra de Contrastes**. São Paulo-Rio de Janeiro: DIFEL, 1979.

___ **Branco e Negro em São Paulo**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1959.

___ **A Imprensa Negra no Estado de São Paulo**. Estudos Afro-Brasileiros. São Paulo: boletim nº2. Cadeira de Sociologia da USP.*sn*.

BITENCOURT, Y.C. **As Escolas de Comunicação Social como instrumento de desconstrução do racismo e discriminação racial**. O Negro na Mídia-A invisibilidade da Cor. Porto Alegre: Ed. Sindicato dos Jornalistas do RS. 2005, p.65-76.

BOURDÉ. G.MARTIN.H. **As escolas históricas**. Portugal: Editora Europa-América, 1983.

CARNEIRO, E. **Ladinos e Crioulos**. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1964.

CERTEAU, M.D. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária 2006.

FERNANDES, F. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. São Paulo: Ática, 1978.

FERRARA. M.N. **A Imprensa Negra Paulista (1915/1963)**. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.

GOMES. A S. **Primeiro Congresso Nacional do Negro Brasileiro realizado em Porto Alegre no ano de 1958**. Porto Alegre. VI Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos - PUCRS.Out.2006 (no prelo)

GOMES, F. **Negros e Política (1888-1937)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2005.

GOMES.N.L. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. Educação Anti-racista Caminhos Abertos pela Lei Federal nº10.639/03. Brasília: Coleção Educação Para todos. SECAD/MEC, 2005.

GUIMARÃES, S.A. **Tirando a máscara**. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

___ **Notas sobre raça, cultura e identidade na imprensa negra em São Paulo e no Rio de Janeiro, 1925 e 1950**. Revista Afro- Ásia nº29/30. 2003 p247-269. Acessado em abril 2006.

HELLER, A. **Teoria de la historia**. Barcelona: Fontamara, 1985.

HOBSBOWM. **Sobre a História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

LUNA, L. **O Negro na luta contra a escravidão**. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1976.

MOURA, C. **História do Negro Brasileiro**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1992.

___ **Dialética Radical do Brasil Negro**. São Paulo: Anita Ltda, 1994.

MÜLLER, L.S. **“As contas do meu rosário são balas de artilharia” – Irmandade, jornal e sociedades negras em Porto Alegre 1889-1920**. Dissertação de Mestrado orientado pela prof. Margaret Marchiori Bakos. Porto Alegre, 1999.

NASCIMENTO.A. NASCIMENTO.E.L. **Reflexões sobre o Movimento Negro no Brasil, 1938-1997**. Tirando a máscara. São Paulo, Paz e Terra, 2000.p 203-235.

OLIVEIRA, L.L. **“A Frente Negra Brasileira: Política e Questão Racial nos anos 1930”**. Dissertação de Mestrado orientada por Marilene Rosa Nogueira da Silva. Rio de Janeiro, 2002.

PIERSON. D. **Branco e Pretos na Bahia**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1945.

PORTELLI, H. **Gramsci e o Bloco Histórico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

PINTO. L.A C. **O Negro no Rio de Janeiro**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1953.

RIBEIRO, L.D.T. **Descolonização africana**. Revista Ciências e Letras FAPA 21/22, África Contemporânea. Porto Alegre: Ed. Ponto e Virgula. Novembro de 1998, p.51-72.

SANTOS, J.A. **Raiou “A Alvorada”: Intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957)**. Dissertação de mestrado orientada por Prof Dr. Geraldo de Beauclair Mendes de Oliveira. Niterói, 2000.

SILVA, J. **A União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50**. Rio de Janeiro, 2003. Estudos Afro-Asiáticos. Vol.25 nº2 ISSN 0101-546 X, www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-546X2003000200002&script=sci_arttext - 73k - afro@candidomendes.edu.br. Acesso em mai.2006

SINGER, P.; BRANT, V.C. (org) **São Paulo: o povo em movimento**. Petrópolis: Vozes, 1980.

SKIDEMORE, T.E. **Preto no Branco**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976

SOUZA, M.L.S. **Desenvolvimento de Comunidade e Participação**. São Paulo: Editora Cortez, 1987.
Arquivo da Sociedade Beneficente Floresta Aurora, atas 234 a 262, de Janeiro à outubro de 1958.